



Experiência profissional e outras esferas da vida de músicos portugueses no estrangeiro

Vanda Tavares



**Universidade do Minho**  
Escola de Psicologia

Vanda Antunes Tavares

**Experiência profissional e outras esferas da vida de músicos portugueses no estrangeiro**





**Universidade do Minho**  
Escola de Psicologia

Vanda Antunes Tavares

**Experiência profissional e outras esferas da  
vida de músicos portugueses no estrangeiro**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado Integrado em  
Psicologia

Trabalho efetuado sob a orientação da  
**Professora Doutora Isabel Maria Soares da Silva**

junho de 2022

## **DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS**

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

### ***Licença concedida aos utilizadores deste trabalho***



**Atribuição-NãoComercial-SemDerivações**

**CC BY-NC-ND**

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Universidade do Minho, 6 de junho de 2022

*Vanda Tavares*

---

## **Agradecimentos**

Dedico esta secção a todas as pessoas que desempenharam um papel fundamental neste capítulo da minha vida.

Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Isabel Silva, por toda a paciência, empenho e por todo o conhecimento transmitido.

Ao Grupo de Investigação pela partilha e entreaajuda constante.

A todos os músicos que participaram neste estudo, pela disponibilidade em participar e pela simpatia ao longo de todo o processo.

Aos meus amigos, por partilharem comigo cada momento de cada etapa deste percurso.

Ao Valentim, por toda a ajuda e por toda a força que me deu ao longo de todo o meu percurso.

À minha irmã, que foi uma inspiração e por ajudar a que tudo isto fosse possível.

Por último, tendo a consciência de que nada disto seria possível sem eles, dedico aos meus pais, pelo apoio e amor incondicional, por me ajudarem a ultrapassar todos os obstáculos e pelo esforço que sempre fizeram para ter os recursos necessários para alcançar o sucesso. Obrigada por estarem sempre comigo!


A todos vocês, que estiveram presentes de forma direta ou indireta, o meu mais sincero obrigada.

## DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, 6 de junho de 2022

  
\_\_\_\_\_

## **Experiência profissional e outras esferas da vida de músicos portugueses no estrangeiro**

### **Resumo**

A vida profissional dos músicos é vista como sendo complexa, uma vez que estes geralmente exercem uma carreira de portfólio, ou seja, não só desempenham a sua profissão, como também outras atividades relacionadas com a mesma. Além disso, estes profissionais encontram-se potencialmente sujeitos a riscos psicossociais como a instabilidade laboral e o *stress* profissional. O presente estudo tem como objetivo contribuir para a compreensão da experiência profissional dos músicos portugueses no estrangeiro e o seu impacto nas diferentes esferas da vida. Na investigação participaram 14 músicos profissionais de ambos os géneros. A recolha de dados foi realizada através de uma entrevista semiestruturada, abordando temas como: a saída de Portugal, a perceção sobre a vida familiar e social relativamente à vida profissional, dificuldades provocadas pela profissão e áreas afetadas. As entrevistas foram analisadas através da *Template Analysis*. Em geral, os resultados apontam para o facto dos participantes percecionarem as suas condições de trabalho como tendo aspetos positivos (e.g. ausência de rotina, paixão pela profissão), negativos (e.g., horário irregular, insegurança laboral) e com impacto nas suas esferas social (e.g., solidão) e familiar (e.g., conflito trabalho-família).

*Palavras-chave:* Músicos, Condições de trabalho; Interface trabalho-vida, Música clássica; Trabalho no estrangeiro.

## **Professional experience and others spheres of life of Portuguese musicians abroad**

### **Abstract**

The professional life of musicians is seen as being complex, since, generally, these exert a portfolio career, that is, not only do they have their job, but also take on other activities related to it. Furthermore, these professionals are potentially subject to psychosocial risks such as labour instability and professional stress. The present study aims to contribute to the understanding of the professional experience of Portuguese musicians abroad and its impact in the different spheres of life. In this investigation, 14 musicians from both genders were interviewed. The data collection was carried out through a semi-structured interview, covering topics such as: leaving Portugal, the musicians' perception of social and family life relatively to professional life, professional difficulties and the areas affected by them. The interviews were analysed through the Template Analysis method. In general, the results show that the participants perceive working conditions as having positive aspects (e.g., the absence of routine, the passion for the profession), negative aspects (e.g., irregular work scheduling, labour insecurity) and with an impact in their social (e.g., loneliness) and familiar (e.g., work-family conflict) spheres.

*Keywords:* Musicians, Working conditions; Work-life interface, Classical music; Working abroad.



## Índice

Revisão da Literatura.....	8
Metodologia .....	12
Participantes.....	12
Instrumentos .....	15
Questionário sociodemográfico e de caracterização da situação profissional e familiar	15
Entrevista .....	15
Procedimento .....	15
Estratégia de Análise de Dados .....	16
Resultados .....	17
Discussão .....	26
Referências Bibliográficas .....	30
Anexos .....	36

## Índice Tabelas

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica dos músicos.....	13
Tabela 2. Caracterização familiar dos músicos.....	14
Tabela 3. <i>Template</i> Inicial e Final das entrevistas realizadas aos músicos.....	17

### **Experiência profissional e outras esferas da vida de músicos portugueses no estrangeiro**

Atualmente, as indústrias culturais e criativas apresentam um crescimento económico pela Europa (Gee & Yeow, 2021; Power, 2011). Embora a prática da música como profissão seja frequentemente associada a termos como diversão, liberdade, motivação e dedicação perante a carreira escolhida, esta contempla diversas exigências (Teixeira & Queirós, 2017), sendo considerado que músicos de alto nível exercem uma profissão stressante que pode resultar num risco acrescido de problemas de saúde mental (Kegelaers et al., 2021). A profissão de músico requer que, desde muito jovens, estes se deparem com pressão constante e elevadas exigências, como expectativas pela excelência, tenacidade e trabalho árduo contínuo para atingir a perfeição, sujeitando-os a altos níveis de *stress* que podem afetar o seu bem-estar (Jacukowicz & Wezyk, 2017; Portí et al., 2021).

O estudo de Perkins et al. (2017) procurou identificar as barreiras percecionadas por alunos de um conservatório que contribuíam para a dificuldade de promoção de saúde mental nesta população, tendo estas apontado para a “existência de experiências de constante comparação e competição, pressão e *stress*, desafios com *feedback* de desempenho negativo, sofrimento psicológico e excesso de trabalho percebido” (p. 1). Além disso, os músicos praticam durante elevadas horas (Ericsson & Harwell, 2019), o que contribui para problemas físicos, como, por exemplo, lesões musculoesqueléticas (Frank & Mühlen, 2007). Holst et al. (2012) evidenciaram ainda que o *stress* sentido pelos músicos pode derivar de elevadas exigências de trabalho, de relações interpessoais e de liderança, da insegurança no trabalho e da insatisfação laboral.

O facto da profissão dos músicos ser regularmente multifacetada, ou seja, englobar não só a *performance* e atuação, como também o trabalho autónomo e o ensino (Gee & Yeow, 2021; Willis et al., 2019), expõe estes profissionais a múltiplas exigências ocupacionais a nível organizacional, interpessoal e intrapessoal, as quais podem causar impacto físico e psicológico (Willis et al., 2019). Segundo Blackburn (2018), a carreira de um músico é comumente percecionada como sendo uma carreira de portfólio, uma vez que estes exercem uma mistura de funções e empregos associados à música, podendo ser um trabalho remunerado ou não, um *part-time* ou como *freelancer*. Smilde (2008) verificou ainda que dificilmente a carreira de um músico é composta por um emprego vitalício, sendo maioritariamente constituída por trabalhos consecutivos ou simultâneos, considerando-se crescente o número de empregos irregulares nesta profissão. Contrariamente às teorias de carreira mais tradicionais que

referem que o processo de estabilização ocorre quando um indivíduo chega aos 30/40 anos, existe maior incerteza relativamente à segurança laboral no mundo das artes (Gee & Yeow, 2021).

Atualmente, um elevado número de trabalhadores exerce a profissão em horários não *standard* ou não convencionais (Craig & Powell, 2011), sendo que estes consistem em horários atípicos e/ou irregulares, que podem realizar-se durante a noite ou fins-de-semana (Costa & Silva, 2019; Craig & Powell, 2011), incluindo os trabalhos em *part-time* e os *freelancers* (Berdahl & Moriya, 2021). Desta forma, os indivíduos que exercem em horários não convencionais trabalham quando a maioria da população, incluindo a sua família e a sua rede social, não se encontra a trabalhar (Mills & Täht, 2010). Tendo em conta a profissão dos artistas, nomeadamente dos músicos, pode afirmar-se que estes tendem a estar inseridos na categoria de trabalhadores em horários não *standard* (Adler, 2021). A evidência empírica refere ainda que os horários atípicos estão geralmente associados à redução de bem-estar familiar e social, no entanto, considera-se um fator protetor a flexibilidade que pode existir na forma como os trabalhadores controlam os seus horários (Arlinghaus et al., 2019). A profissão de artista detém, assim, condições relativamente distintas do habitual, como uma localização geográfica imprevisível, um vencimento inconstante e o facto de terem horários irregulares, sendo que os músicos se encontram também sujeitos a uma falta de estabilidade e exigências a nível de articulação da vida profissional com a vida familiar (Teixeira & Queirós, 2017).

A esfera laboral e a esfera familiar encontram-se diariamente relacionadas. Carlson e Grzywacz (2008) afirmam que a relação trabalho-família pode ser agrupada segundo três perspetivas: a perspetiva negativa, a perspetiva positiva e a perspetiva integradora. Respetivamente, estas assumem que a relação trabalho-família pode resultar em consequências negativas para o indivíduo, consequências positivas ou numa relação equilibrada (Carlson & Grzywacz, 2008).

Relativamente à perspetiva negativa, esta defende que os indivíduos dispõem de uma quantidade limitada de tempo e energia que são necessários para um bom desempenho entre a vida laboral e familiar (Carlson & Grzywacz, 2008). Greenhaus e Beutell (1985) definem o termo conflito trabalho-família como sendo “uma forma de conflito inter-papéis no qual as pressões dos papéis provenientes dos domínios profissionais e familiares são mutuamente incompatíveis em alguns aspetos.”(p. 77). Este fenómeno apresenta uma dimensão

bidirecional, integrando dois tipos de conflito: o trabalho interferir com a esfera familiar, isto é, quando a vida laboral interfere com as responsabilidades familiares; e a interferência da esfera familiar na esfera laboral, ou seja, quando as responsabilidades familiares interferem com as atividades laborais (Greenhaus & Beutell, 1985). Os autores citados afirmam ainda que o conflito entre trabalho-família pode surgir em consequência de três aspetos: quando diversos papéis disputam pelo tempo do indivíduo; quando uma tensão provocada por um papel dificulta o cumprimento de exigências de outros papéis; e quando padrões específicos de comportamento que o indivíduo manifesta em determinado papel são incompatíveis com as expectativas sobre o comportamento noutra papel.

Num estudo, cujo objetivo foi comparar o ambiente de trabalho psicossocial entre membros do Sindicato dos Músicos da Noruega com uma amostra de funcionários da força de trabalho em geral, verificou-se que os músicos apresentavam mais conflitos entre trabalho e família, sentiam-se menos apoiados e reconhecidos, e consideravam o seu trabalho como sendo mais exigente comparativamente à população em geral (Détári et al., 2020). Em contraste, Teixeira e Queirós (2017) verificaram, numa população de *performers*, que a interação trabalho-família e família-trabalho, quer relativamente ao conflito trabalho-família quer a uma influência positiva nas interações, foi baixa. Ademais, Edgell et al. (2012) constataram que, em comparação com a população com horários de trabalho convencionais, exercer a profissão em horários atípicos está relacionado com um conflito trabalho-família bidirecional significativamente maior.

A perspetiva positiva, por seu lado, considera que a relação entre o trabalho e a família pode ser reciprocamente positiva e benéfica, trazendo vantagens para o trabalhador (Carlson & Grzywacz, 2008). Frone (2003) aponta a componente da facilitação trabalho-família, que representa o quão a participação no trabalho ou em casa é facilitada devido a habilidades, experiências e oportunidades desenvolvidas em casa ou no trabalho, refletindo a influência positiva num domínio sobre o funcionamento de outro. Desta forma, a facilitação trabalho-família também detém de uma dimensão bidirecional, pois o trabalho pode facilitar a vida familiar e a família pode facilitar a vida profissional (Frone, 2003). Hill (2005) constatou que a facilitação trabalho-família se encontrava positivamente relacionada à satisfação com o trabalho e com a vida e negativamente relacionada com o *stress*. Por outro lado, a facilitação família-trabalho estava negativamente relacionada com o compromisso organizacional e positivamente relacionada com a satisfação familiar, conjugal e com a vida (Hill, 2005).

Por fim, a perspectiva integradora engloba conceitos como equilíbrio trabalho-família, que inclui noções de equidade, ajustamento e desempenho de papel (Carlson & Grzywacz, 2008). Grzywacz e Carlson (2007) definiram, assim, o equilíbrio trabalho-família como “a realização de expectativas relacionadas ao papel que são negociadas e compartilhadas entre um indivíduo e seus parceiros relacionados ao papel nos domínios do trabalho e da família” (p. 458).

Os trabalhadores, para além das responsabilidades familiares, exercem outras funções e compromissos fora desse domínio, sendo assim importante encontrar um equilíbrio. O balanço trabalho-vida pode ser definido como a capacidade do trabalhador cumprir responsabilidades de trabalho e família, assim como compromissos *non-work*, bem como a falta de conflito ou ausência de interferência entre os papéis familiares e o trabalho (Frone, 2003; Lockwood, 2003). O termo *non-work*, embora não encontre uma definição consensual, pode referir-se a atividades e responsabilidades dentro do domínio familiar, como também a atividades e obrigações além desse domínio (Geurts & Demerouti, 2003). Assim, o balanço trabalho-vida é enfatizado como sendo um fenómeno subjetivo, que varia de pessoa para pessoa, e que não só envolve as relações entre o trabalho e as responsabilidades familiares, como também envolve outros papéis de diferentes áreas da vida (Lockwood, 2003). Torna-se assim importante verificar o quão o trabalho interfere na vida pessoal do trabalhador e vice-versa, assim como até que ponto o trabalho melhora a vida pessoal e a vida pessoal melhora o trabalho (Fisher et al., 2009).

Relativamente ao trabalhador, Fisher et al. (2009) referem que a diversidade nas fases do ciclo de vida entre os profissionais pode estar relacionada a diversas funções e responsabilidades não associadas ao trabalho, considerando-se essencial averiguar qual a fase de vida em que o trabalhador está. Os indivíduos, dependendo da fase da carreira em que se encontram relacionada à idade, podem perspetivar de forma diferente o trabalho, constatando-se que numa fase inicial, os trabalhadores tendem a sacrificar a sua vida pessoal com o objetivo de progressão de carreira (Gordon & Whelan, 1998). No entanto, conforme a idade avança, os trabalhadores dão maior ênfase a um equilíbrio entre a vida laboral e familiar ao avaliar as suas carreiras (Gordon & Whelan, 1998). Num estudo de Huffman et al. (2013), cujo foco foi examinar o conflito trabalho-família numa amostra dos dezoito aos setenta anos de idade, verificou-se que os resultados apoiam uma relação curvilínea em forma de “U”

invertido, indicando que trabalhadores mais jovens e mais velhos relatam menos conflito entre trabalho-casa.

Poucos são os estudos que examinam as carreiras de músicos clássicos profissionais a partir de uma perspectiva de ciclo de vida, no entanto, Bennett e Hennekam (2018) sugerem que a carreira de um músico profissional pode ser dividida em três fases diferentes: 1) na fase inicial de carreira (entre os 20-30 anos de idade) a paixão e o talento são as principais impulsionadoras da carreira, sendo que os músicos se encontram mais focados em metas e em resultados; 2) a fase intermediária da carreira (entre os 30-45 anos) é considerada como a época de maior atividade performativa e de maior produção artística (Manturzevska, 1990); e 3) a fase final da carreira (a partir dos 55 anos) é referenciada como a fase em que existe uma procura para prolongar o uso das habilidades aprendidas, existindo um maior foco no ensino (Bennett & Hennekam, 2018). Assim, o fim da carreira de um músico é considerado tardio, uma vez que uma grande parte se reforma depois dos 70 anos, sendo que alguns ainda continuam a sua atividade profissional através do ensino (Manturzevska, 1990).

Embora haja o aumento da preocupação com os riscos psicossociais do trabalho associados à vida dos artistas, ainda é muito escassa a informação sobre as condições de trabalho destes profissionais e o seu impacto na vida familiar e social (Teixeira & Queirós, 2017). Assim sendo, com o objetivo de contribuir para a compreensão da experiência profissional dos músicos portugueses e o seu impacto nas diferentes esferas da vida, considerou-se relevante explorar a vivência de tais dimensões na perspectiva dos mesmos. Embora fosse nossa intenção inicial realizar o estudo com músicos a laborar em Portugal, dada a dificuldade em identificar profissionais em contexto nacional que vivessem exclusivamente da música clássica e não maioritariamente do ensino, optou-se por alterar o critério e considerar músicos portugueses a trabalhar em exclusivo da música, mas no estrangeiro.

### **Metodologia**

#### **Participantes**

Na presente investigação participaram 14 músicos com idades compreendidas entre os 24 e os 37 anos, dos quais 35.71% são do género feminino. A idade com que os músicos iniciaram os seus estudos na música encontra-se compreendida entre os cinco e os doze anos. Dos 14 participantes, três têm como instrumento musical a viola de arco, dois o fagote, dois o

## EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL DE MÚSICOS PORTUGUESES NO ESTRANGEIRO

clarinete, dois o contrabaixo, dois a trompa, um a percussão, um o violoncelo e um o trombone. Relativamente à situação contratual, apenas dois participantes são *freelancers*, tendo os restantes contrato numa orquestra.

A caracterização mais detalhada da amostra a nível sociodemográfico e familiar da encontra-se, respetivamente, apresentada na “Tabela 1” e na “Tabela 2”.

**Tabela 1**

*Caracterização sociodemográfica dos músicos*

	n	%
Número de Participantes	14	100
Idade M(DP)*	30 (3.37)	
Género		
Feminino	5	35.71
Masculino	9	64.29
Nível de Escolaridade		
Licenciatura	4	28.57
Mestrado	9	64.29
Doutoramento	1	7.14
Estado Civil		
Solteiro(a)	8	57.14
Casado(a)	6	42.86

*Nota.* \*M(Média), DP(Desvio Padrão)

## EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL DE MÚSICOS PORTUGUESES NO ESTRANGEIRO

**Tabela 2***Caracterização familiar dos músicos*

	n	%
Número de Participantes	14	100
País em que se encontra atualmente		
Alemanha	6	42.86
França	1	7.14
Suíça	2	14.29
Áustria	2	14.29
Inglaterra	1	7.14
Malta	1	7.14
Países Baixos	1	7.14
Está numa relação amorosa		
Sim	11	78.57
Não	3	21.43
O/a parceiro/a vive no mesmo país		
Sim	9	81.82
Não	2	18.18
O/a parceiro exerce a mesma profissão		
Sim	10	90.91
Não	1	9.09
Filhos		
Sim	4	28.57
Não	10	71.43
Idade dos filhos M(DP)*		1.5 (0.58)

*Nota.* \*M(Média), DP(Desvio Padrão)



## **Instrumentos**

### ***Questionário sociodemográfico e de caracterização da situação profissional e familiar***

Os dados sociodemográficos, profissionais e familiares dos participantes foram recolhidos através de um questionário que desenvolvido no contexto da presente investigação, tendo como objetivo recolher informação sociodemográfica (e.g., idade), assim como da situação profissional (e.g., instrumento musical) e familiar (e.g., se tem filhos), para efeitos de caracterização da amostra.

## **Entrevista**

O instrumento utilizado neste estudo foi a entrevista semiestruturada, sendo que o guião foi desenvolvido com base na revisão da literatura (Teixeira & Queirós, 2017; Teague & Smith, 2015) que permitiu identificar as seguintes áreas de impacto nos músicos: balanço trabalho/vida; conflito trabalho-família; dificuldades na convivência com familiares e amigos; articulação dos horários de trabalho com a vida familiar, social e outros domínios de vida; e limitação do tempo passado em família. Desta forma, no guião da entrevista foram abordadas as seguintes áreas: a saída de Portugal; a perceção sobre a vida familiar e social relativamente à vida profissional; a perceção sobre as condições de trabalho; outras atividades relacionadas com a profissão; dificuldades provocadas pela profissão; mudanças sentidas a nível familiar e social; e áreas afetadas.

## **Procedimento**

Primeiramente, o estudo foi submetido à Comissão de Ética da Universidade do Minho para Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH), obtendo um parecer favorável (Anexo A).

Por questões de acesso, a amostra recolhida foi por conveniência, ou seja, foram convidados potenciais participantes a participar no estudo (Rozalia, 2007). Assim, numa primeira fase, os primeiros profissionais a participar faziam parte da rede de relações da investigadora principal, sendo que na fase subsequente foi adotada a estratégia de “bola de neve” (Etikan et al., 2016; Naderifar et al., 2017), ou seja, no final de cada entrevista, foi solicitado ao respetivo participante que sugerisse um ou mais participantes da sua rede de contactos que julgasse que podia ter disponibilidade para participar no estudo, entrando-se, posteriormente, em contacto com esses potenciais participantes. Os critérios de inclusão da

amostra foram ter pelo menos 18 anos de idade, ser português, ser músico instrumentista, nomeadamente na vertente de música clássica, e exercer a profissão no estrangeiro.

Inicialmente, foi realizada uma entrevista piloto a um profissional da área, com fim de analisar a adequabilidade das questões do questionário de caracterização da situação profissional e familiar, assim como do guião da entrevista. Posteriormente, contactou-se o primeiro participante, que foi informado antecipadamente sobre os propósitos e tópicos gerais a abordar na entrevista. Caso o participante aceitasse participar no estudo e cumprisse os requisitos de inclusão, apresentou-se o consentimento informado, onde era feita uma descrição do estudo, bem como do seu objetivo e salientado o carácter voluntário de participação. A nível da participação, foi também garantida a sua confidencialidade e ainda pedida ao participante a autorização para a gravação da entrevista, explicitando o porquê deste pedido, com o compromisso de que esta seria eliminada após a sua transcrição. As entrevistas decorreram em formato *online* (videochamada), com apoio da plataforma *Zoom*, devido à diferente localização geográfica dos participantes, tendo estas uma duração média de 35 minutos, tendo a entrevista mais curta 25 minutos de duração e a mais longa 47 minutos. A gravação das entrevistas foi autorizada pelos participantes, sendo estas mantidas apenas até a transcrição das mesmas. Em termos de dimensão da amostra, guiamo-nos segundo o princípio da saturação teórica (Fontanella et al., 2011), tendo sido realizadas 14 entrevistas.

### **Estratégia de Análise de Dados**

A estratégia utilizada para a análise das entrevistas segue a lógica da análise de temática, denominando-se como *Template Analysis* (King, 2012). A *Template Analysis* é uma técnica que consiste na criação de códigos ("*templates*") representativos de temas considerados importantes para a investigação e na organização dos mesmos, seguindo uma estrutura hierárquica, com o objetivo de demonstrar as relações que existem entre si (King, 2004). Para o desenvolvimento do *template* foram seguidas as seguintes etapas (King, 2004; King & Brooks, 2017): 1) Definição de temas *a priori*; 2) Transcrição e familiarização com os dados; 3) Codificação inicial dos dados; 4) Construção do *template* inicial; 5) Aplicação do *template* aos restantes dados e desenvolvimento do mesmo; 6) Interpretação do *template*; 7) Verificação da qualidade da análise dos dados. Esta última etapa foi realizada em conjunto com o grupo de investigação, sendo que os temas que suscitaram dúvidas foram analisados

com maior detalhe e atenção. Tendo sempre presente o objetivo de clareza e interpretação dos dados, o *template* pode ter tantos níveis de codificação quanto o investigador considerar que seja necessário e útil (King, 2004). Por fim, com o objetivo de facilitar a interpretação dos resultados aos/às leitores(as), King (2004) refere que a utilização de citações diretas dos participantes é essencial, estratégia essa que foi igualmente seguida na presente investigação. Além disso, também foram considerados excertos de entrevista que são relativos a situações de terceiros, ou seja, os entrevistados referiram situações de músicos seus conhecidos, uma vez que estes casos reforçam perspectiva dos participantes relativamente ao tópico abordado.

### Resultados

Na Tabela 3 estão representados o *Template* Inicial e Final com os respetivos temas e subtemas resultantes da análise das entrevistas. Seguindo as orientações de King (2004), com o objetivo de facilitar a compreensão da análise dos dados, serão apresentados excertos das entrevistas, sendo estes identificados segundo a terminologia de P (participante) e o respetivo número de participante de 1 a 14. Do P11 ao P14 são participantes que têm filhos e o P7 e o P8 são músicos *freelancers*.

### Tabela 3

*Template Inicial e Final das entrevistas realizadas aos músicos*

<i>Template</i> Inicial	<i>Template</i> Final
<b>1. Saída de Portugal</b>	<b>1. Saída de Portugal</b>
1.1. <b>Motivações para a saída</b>	<b>1.1. Motivações para a saída</b>
	1.1.1. Mercado de trabalho
	1.1.1.1. Panorama orquestral em Portugal
	1.1.2. Descoberta
	1.1.3. Comparação entre realidades
	1.1.4. Cultura
	1.1.5. Comparação com os pares
	1.1.6. Reconhecimento da formação
	1.1.6.1. Instituição
	1.1.6.2. Professor

## EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL DE MÚSICOS PORTUGUESES NO ESTRANGEIRO

<i>Template Inicial</i>	<i>Template Final</i>
<b>2. Experiência como músico no estrangeiro</b>	<b>2. Experiência como músico no estrangeiro</b>
2.1. Processo de seleção	2.1. <b>Processo de seleção</b>
2.2. Organização do tempo de trabalho	2.1.1. Provas
2.3. Atividades extralaborais relacionadas com a profissão	2.1.2. Situação contratual
2.4. Desafios/Dificuldades	2.1.2.1. <i>Freelance</i>
	2.1.2.2. Emprego efetivo
	<b>2.2. Organização do tempo de trabalho</b>
	2.2.1. Horário irregular
	2.2.2. Flexibilidade de horário
	<b>2.3. Atividades extra laborais relacionadas com a profissão</b>
	2.3.1. Horas de estudo
	2.3.2. <i>Gigs</i>
	2.3.3. Ensino
	<b>2.4. Desafios/Dificuldades</b>
	2.4.1. Repetição técnica
	2.4.2. Competitividade
	2.4.3. Solidão
	2.4.4. Automotivação
	2.4.5. Rejeição
	2.4.6. Mudança de país
	2.4.7. Comparação com os pares
	2.4.8. Questões monetárias
	2.4.9. Períodos de experiência
	2.4.10. Lesões
<b>3. Perceção sobre as condições de trabalho</b>	<b>3. Perceção sobre as condições de trabalho</b>
3.1. Aspectos Positivos	3.1. <b>Aspectos Positivos</b>
3.2. Aspectos Negativos	3.1.1. Ausência de rotinas
	3.1.2. Condições salariais

<i>Template Inicial</i>	<i>Template Final</i>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>3.1.3. Paixão pela profissão</li> <li>3.1.4. Conhecer o mundo</li> <li>3.1.5. Dinâmica familiar</li> <li>3.2. <b>Aspetos Negativos</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>3.2.1. Pouco tempo livre</li> <li>3.2.2. Horário irregular                             <ul style="list-style-type: none"> <li>3.2.2.1. Gestão familiar</li> <li>3.2.2.2. Horário das refeições</li> <li>3.2.2.3. Ausência de férias nas festividades</li> </ul> </li> <li>3.2.3. Insegurança laboral</li> <li>3.2.4. Afastamento da família</li> <li>3.2.5. <i>Stress</i></li> <li>3.2.6. Frequência das viagens</li> </ul> </li> </ul>
<b>4. Interface da vida profissional com a esfera social</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li><b>4. Interface da vida profissional com a esfera social</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>4.1. Solidão</li> <li>4.2. Adaptação</li> <li>4.3. Compatibilidade de horários</li> <li>4.4. Relacionamento                             <ul style="list-style-type: none"> <li>4.4.1. Incompatibilidade de horários</li> <li>4.4.2. Distância geográfica</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul>
<b>5. Interface da vida profissional com a esfera familiar</b>	<b>5. Interface da vida profissional com a esfera familiar</b>
5.1. Criação de família	<ul style="list-style-type: none"> <li>5.1. <b>Criação de família</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>5.1.1. Facilidades que a profissão dispõe                             <ul style="list-style-type: none"> <li>5.1.1.1. Apoios estatais</li> <li>5.1.1.2. Flexibilidade do horário</li> <li>5.1.1.3. Acesso à cultura</li> </ul> </li> <li>5.1.2. Constrangimentos que a profissão dispõe                             <ul style="list-style-type: none"> <li>5.1.2.1. Horário irregular</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul>
5.2. Gestão familiar	

## EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL DE MÚSICOS PORTUGUESES NO ESTRANGEIRO

<i>Template</i> Inicial	<i>Template</i> Final
	5.1.2.2. <i>Tournées</i>
	5.1.2.3. Questões Monetárias
	5.1.2.4. Distância Laboral
	5.2. <b>Gestão familiar</b>
	5.2.1. Conflito trabalho-família
	5.2.2. Mudança de perspetiva de vida
<b>6. Estratégias de adaptação no estrangeiro</b>	<b>6. Estratégias de adaptação no estrangeiro</b>
	6.1. Aprender como o país funciona
	6.2. Idioma
	6.3. Gestão do tempo
	6.4. Criação de um círculo de amigos
	6.5. Fazer planos
	6.6. Agarrar as oportunidades
<b>7. Intenção de regresso a Portugal</b>	<b>7. Intenção de regresso a Portugal</b>
	7.1. Sim
	7.2. Não
<b>8. Perceção sobre o mercado da música clássica em Portugal</b>	<b>8. Perceção sobre o mercado da música clássica em Portugal</b>
	8.1. Poucas oportunidades
	8.2. Más condições de trabalho
	8.3. Incompreensão
	8.4. Mudança

No primeiro tema “Saída de Portugal” (1.) os participantes referiram quais as motivações que os levaram a esta saída, nomeadamente o mercado de trabalho (“(…) *saí porque as perspetivas de emprego em Portugal não eram boas (...)*” P4), sendo que deste subtema destacou-se o escasso panorama orquestral em Portugal (“*Eu queria ser músico de orquestra e o panorama orquestral em Portugal é muito reduzido.*” P11). Além disso, foram identificadas como motivações a descoberta (“(…) *porque tinha interesse em descobrir mais e para mim a música sempre foi uma espécie de passaporte (...)*” P10), a comparação entre

realidades (“(...) o meu marido (...) veio para cá comigo e depois ofereceram-lhe um contrato temporário numa orquestra em Portugal (...) fomos comparando no fundo as realidades de um país e do outro (...)” P13), a cultura (“Estar num centro cultural mais forte (...)” P3), e a comparação com os pares (“(...) ouvi a prova de gente que tinha ótimos trabalhos aqui [Alemanha] e pensei que realmente não tinham sido provas melhores do que as minhas e que se eles conseguiam valia a pena tentar.” P1). Por fim, a motivação mais referida entre os participantes diz respeito ao reconhecimento da formação, sendo que sobressaiu a instituição (“(...) a única motivação foi mesmo a escola.” P5) e o professor (“(...) desde os meus 11 anos tinha como objetivo estudar com certo professor (...)” P3; “O professor de violoncelo com quem queria estudar na universidade foi a minha motivação (...)” P12).

O **segundo tema** diz respeito à **“Experiência como músico no estrangeiro” (2.)**, sendo possível identificar quatro subtemas. Dentro do subtema acesso ao mercado de trabalho foi referido o processo de seleção, sendo mencionadas as provas (“(...) eu também fiz provas em orquestras muito conceituadas e não passei da primeira ronda, e há uma certa frustração de perceber o porquê, o que é que estive menos bem (...)” P13). Foi mencionada também a situação contratual dos músicos que se dividiu em dois subtópicos: o *freelance* (“(...) como músico também podes ver também um bocado o freelancing, ou seja, não teres um trabalho fixo, mas ires fazendo uns biscates aqui e ali (...)” P2) e em emprego efetivo (“(...) ganhei este trabalho (...) e passei o ano à experiência e aqui estou, se eu quiser, com um trabalho para a vida.” P6).

Por outro lado, um dos subtemas mais referidos pelos participantes diz respeito à organização do tempo do trabalho, que realçou a irregularidade dos horários (“(...) acabo por ter um horário que é relativamente irregular (...) pode acontecer eu ter ensaios de manhã, como pode acontecer eu ter ensaios à tarde, ou à noite ter concertos (...)” P1; “É um horário muito estranho (...) temos a mistura de trabalhar nas horas normais de expediente e depois trabalhar fora de horas que é quando as pessoas não estão a trabalhar (...)” P6) e a flexibilidade horária (“(...) Então, nós aqui gerimos mais ao menos (...)” P2).

No que diz respeito às atividades extra laborais relacionadas com a profissão, os participantes enumeraram as horas de estudo (“(...) se eu tenho 6 horas de ensaios depois ainda tento estudar mais 2 ou 3” P5), os *Gigs* (“(...) tenho concertos esporádicos organizados por colegas ou amigos para tocar aqui ou ali...os gigs como se costuma dizer.” P6) e o ensino (“[...] as minhas aulas costumam ser em horas específicas, tenho 3 alunas (...)”. P9).

## EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL DE MÚSICOS PORTUGUESES NO ESTRANGEIRO

Por fim, relativamente às maiores dificuldades/desafios foram referidas pelos participantes a repetição técnica (“(...) *houve alturas em que era muito difícil estarmos semanas e semanas a fazer e a estudar as mesmas coisas (...) estudar música significa muitas vezes estar a repetir as mesmas coisas imensas vezes e isso às vezes é tramado (...)*” P6), a competitividade (“*Claro que aqui é mais competitivo (...)*” P2; “(...) *é muito competitivo e como era o meu sonho trabalhava todos os dias (...)*” P11), a solidão (“*O facto do estudo tem de ser sempre individual, portanto de facto estamos muitas vezes sozinhos dias e dias e isso há um lado socialmente também pesado às vezes (...)*” P6), a automotivação (“(...) *automotivar-me é muito complicado (...)*” P7), a mudança (“*O facto de sair de casa também foi um ponto difícil.*” P5), a rejeição (“ (...) *chegar à final e não ganhar, foi aquele primeiro momento que tive, quase a primeira rejeição desde que era clarinetista (...)*” P5), a comparação com os pares (“(...) *a comparação com os colegas é dura (...)*” P3), as dificuldades monetárias (“*Maiores dificuldades...económicas, muito difícil às vezes.*” P10), os períodos de experiência (“*A nível profissional são os períodos de experiência (...) uma pessoa nunca sabe quando vai voltar ou se vai voltar (...) estamos sempre no escuro, não sabemos se há um problema se estamos a fazer bem ou não.*” P12) e as lesões (“(...) *tive um problema num braço há 4/5 anos, tive que deixar de tocar durante bastante tempo (...) é uma coisa que pode acontecer aos músicos é terem lesões e problemas físicos que não nos deixam fazer o nosso trabalho.*” P14).

No tema “**Perceção sobre as condições de trabalho**” (3.) foram referidas pelos participantes aspetos positivos e negativos. Como aspetos positivos foram apresentados a ausência de rotinas (“*A maior vantagem é não haver rotina (...) e para mim não ter um horário das 9 às 5 dá-me alguma sensação de conseguir respirar.*” P13), as condições salariais (“(...) *Condições salariais também sim (...) vivo confortavelmente e consigo pagar tudo aquilo que eu quero.*” P8), a paixão com a profissão (“(...) *fazemos música e para mim isso é uma coisa muito importante (...)*” P11; “*Bem a maior vantagem acho que é o prazer que temos na profissão.*” P8; ), conhecer o mundo (“(...) *eu adoro viajar (...) o facto de estar envolvido em artes e poder receber e experienciar culturas de tantos países, de tantos compositores, poder aprender dessa forma e de ser um mundo tão internacional (...)*” P12) e a dinâmica familiar (“(...) *eu estudar em casa, o meu filho poder tocar comigo, tem uma dinâmica muito bonita.*” P11).

Relativamente aos aspetos negativos foi referido o facto de terem pouco tempo livre (“*Uma pessoa realmente pensa que tem tempo livre, mas está em casa e tem de investir esse tempo em si próprio e no trabalho e acaba também por perder um bocado da vida familiar ou*



*da vida social (...)* P12) e a irregularidade dos horários (*“Desvantagens acho que é a irregularidade de horários”* P8). No subtema *“Irregularidade de horários”* foi ainda possível identificar a dificuldade na gestão do horário com a família (*“(…) a minha esposa nunca sabe os horários, tem de ter sempre um horário num quadro pendurado porque é sempre tão irregular e isso nem sempre é fácil com a vida familiar.”* P11 ; *“(…) a organização a nível familiar é muito complicada.”* P13), o horário das refeições (*“(…) o pormenor de quando é que se tomam as refeições é difícil (...) vou para casa acabo por comer às 16h depois do ensaio das 13h (...) 23h acabo de comer (...) portanto não é o ideal para mim (...)*” P6) e a ausência de férias nas festividades (*“Desvantagens é mesmo não haver férias de natal, férias da páscoa, porque temos sempre esses concertos para fazer. Trabalhar aos fins de semana e aos feriados também.”* P13). Foi ainda referido o facto de existir insegurança laboral (*“Instabilidade sempre que vem uma fase como esta semana em que não tenho muito que fazer (...) umas semanas tens mais outras menos (...)*” P7 ; *“(…) alguma incerteza, ou insegurança ou imprevisibilidade em termos de rendimentos, o risco também de cancelamentos (...)*” P8), o stress (*“Agora as desvantagens é o stress, stress relativo à minha profissão (...)*” P10), o afastamento da família (*“(…) que me dá um bocado mais de pena nos últimos tempos é o nascimento do meu sobrinho de não o ver (...) é só porque sinto que estou de algum modo a perder alguma coisa”* P1) e a frequência das viagens (*“(…) neste momento a parte de viajar muito para mim não funciona tão bem porque tenho que passar mais tempo em casa e nem sequer quero estar tanto tempo fora de casa (...)*” P14).

No tema **“Interface da vida profissional com a esfera social” (4.)** os participantes identificaram como subtemas a solidão (*“(…) desde que vim para cá estou muito mais tempo comigo mesmo, embora esteja habituado porque também trabalhei muito o eu, estou habituado a estar sozinho (...) acabamos por nos habituar, mas às vezes é demais.”* P6), a adaptação (*“Foi super complicado, honestamente demorou-me um ano e meio a conseguir ambientar-me (...)*” P9) e a compatibilidade de horários (*“(…) a maior parte dos nossos amigos são músicos, portanto há sempre o mesmo problema (...) “vamos fazer qualquer coisa” (...) “só apareço mais tarde porque tenho um ensaio” (...) é totalmente normal (...)*” P12). Ademais, referiram ainda os seus relacionamentos e a sua incompatibilidade de horários (*“A minha namorada trabalha na ópera (...) em termos de conciliação de horário, primeiro para marcar coisas juntos (...)*” P5) e a diferença geográfica (*“(…) eu tenho uma namorada a trabalhar e a*

*viver numa cidade (...) estamos a falar de 3 horas e tal de comboio e, portanto, não vivemos juntos, isso também não ajuda, é uma certa instabilidade em casa (...)" P6).*

No que diz respeito ao **tema "Interface da vida profissional com a esfera familiar" (5.)** foi abordado o subtema "Criação de família" o qual foi dividido em dois tópicos. Relativamente às facilidades que a profissão dispõe os participantes referiram a importância dos apoios estatais ("*O empregador sabe que é o estado que facilita, é um direito.*" P11), a flexibilidade do horário ("*(...) há horários flexíveis e também tenho noção disso que às vezes o facto de não ter ensaios durante dois dias, porque posso estudar em casa da maneira que me for mais conveniente, também ajuda.*" P11) e o acesso à cultura ("*(...) uma vantagem bastante forte é o acesso à cultura, que para mim é muito importante e o facto de sermos os dois músicos profissionais, imagino que se tivermos filhos lhes dará uma vantagem cultural acima da média.*" P8).

No entanto, são apresentados como constrangimentos para a criação de família a irregularidade do horário ("*(...) os horários e às vezes teres projetos numa semana e noutra não (...) é um desafio muito grande principalmente não tendo a família por perto.*" P8; "*Nós tanto trabalhamos de manhã como trabalhamos à noite e isso acaba por ser um bocado complicado no que toca a gestão familiar para quem quer criar família.*" P1), o facto de realizarem tournées ("*Tenho de assumir que é difícil, por exemplo, quando tenho tournées, tournées alargadas às vezes de mais de 3 semanas, isso é complicado para a gestão familiar (...)*" P11), as dificuldades monetárias ("*Na música não se ganha assim tanto dinheiro, ter a responsabilidade de ter a criança num infantário, ter uma ama enquanto se está a trabalhar (...)* Essa parte é uma das partes mais difíceis." P14) e a distância laboral ("*(...) podes também ter o azar de não arranjares trabalho na mesma cidade (...)* Ainda agora na minha orquestra, um rapaz vai deixar a orquestra por causa da vida familiar e a mulher trabalha noutro sítio e, pronto, ele abdicou disso (...)" P2).

Ainda no **tema "Interface da vida profissional com a esfera familiar" (5.)** encontra-se integrado o subtema "Gestão familiar", sendo evidenciado o conflito trabalho-família ("*Eu quero que quando estou em casa que a minha prioridade seja a família (...) mas isso é um bocado impossível (...) o que é frustrante porque me tenho de preparar para a semana seguinte (...) tenho sempre que deixar algum aspeto do meu lado profissional de lado em casa porque preciso de me dedicar à família, mas depois fico um bocado aflito e ansioso quando estou apertado com o tempo de preparação*" P12) e mudança de perspetiva de vida ("*(...) quando*

*aparece trabalho, antes diria que sim a tudo o que pudesse, agora tenho que pensar naquilo que estou a fazer, tenho de falar com o marido “achas que podemos trabalhar os dois neste dia” (...) porque agora sou mãe (...)” P14).*

Segundo os participantes, **estratégias de adaptação no estrangeiro (6.)** passam por aprender como o país funciona, aprender o idioma, a formar um círculo de amigos, fazer uma boa gestão do tempo (“(...) aproveitar de uma maneira diferente o tempo livre que tem porque o tempo vai-se não é e com as crianças (...).” P11), fazer planos (“(...) fazer planos: vou sair para quê (...) qual o pacote de coisas que eu quero adquirir lá fora e que não consigo ter em Portugal (...) planejar tudo com tempo e estudar bem as opções todas que há, para evitar quedas.” P9) e agarrar as oportunidades (“Tudo depende da fase da vida, quando és jovem eu acho que deves aproveitar tudo a nível profissional, não deixares escapar nenhuma oportunidade (...)” P2).

No tema **“Intenção de regresso a Portugal” (7.)**, ou seja, se os participantes tencionavam regressar a Portugal, numa perspetiva médio-longo prazo, para trabalhar, obtiveram-se dois subtemas: os participantes que responderam que “Sim” (“Sim, é sempre um sonho, uma coisa que está sempre na nossa cabeça, poder algum dia voltar (...)” P11) e os que responderam “Não” (“Para trabalhar? Para trabalhar acho que não. Ou algo muda drasticamente ou então acho que não.” P1).

Por fim, os participantes deram a sua **“Perceção sobre o mercado da música clássica em Portugal” (8.)**, tendo sido referido o facto de existirem poucas oportunidades (“(...) mas depois falta a oferta de trabalho, falta as pessoas poderem tocar, é para isso que a gente faz música na verdade (...)” P3), a falta de condições de trabalho (“(...) más condições de trabalho. Más condições de trabalho, pouca valorização do trabalho feito e ordenados tendencialmente baixos (...)” P1) e a incompreensão relativa à profissão (“(...) em Portugal perguntam-me “ah és músico, mas então fazes o quê para viver?”(...) “Mas com o que é que ganhas dinheiro?” [Demonstrando alguma indignação] eu toco viola desde os meus 6 anos (...)” P13). Por outro lado, foi também referido que, comparativamente a antigamente, já existe uma mudança de panorama (“Quando eu saí de Portugal não era assim tão favorável. Eu acho que agora ele [o mercado de trabalho] está a ficar mais favorável” P14).

### Discussão

O presente estudo tem como principal finalidade explorar/compreender a experiência profissional dos músicos portugueses que se encontram a trabalhar no estrangeiro, bem como o impacto de tal experiência nas diferentes esferas da vida destes profissionais. Considerando o objetivo do estudo, de um modo geral, os resultados apontam para o facto dos participantes percecionarem as suas condições de trabalho como tendo aspetos positivos, negativos e com impacto nas suas esferas social e familiar.

Numa primeira fase, foi abordada a saída de Portugal, sendo identificadas quais as principais motivações de seguirem o seu percurso no estrangeiro. Foram referidas o mercado de trabalho em Portugal, o sentido de descoberta, a comparação entre realidades dos diversos países, a centralidade cultural em que se encontravam e a comparação entre os pares. A motivação mais referida diz respeito ao reconhecimento da formação, nomeadamente na escolha da instituição e do professor. MacGlone e MacDonald (2018) reportaram que os músicos procuravam orientação por parte de profissionais mais experientes, considerando-os como seus mentores. Os participantes referiram ainda que desde muito jovens iniciaram os seus estudos na música, sendo este aspeto consistente com a literatura (Jørgensen, 2001; Lehman, 1995; Portí et al., 2021) que indica que a aprendizagem na música tende a começar na primeira infância e prolonga-se na vida do músico.

Relativamente à experiência enquanto músicos no estrangeiro, os entrevistados referiram que todo o processo de seleção, nomeadamente as provas para a orquestra, resultam, por vezes, nalguma frustração devido à subjetividade inerente a todo o processo. Este aspeto é abordado por Wilson (2000) que afirma que as provas são dos períodos mais stressantes na vida de um músico, uma vez que envolvem uma avaliação pormenorizada que poderá ter impacto no progresso da carreira destes profissionais. No caso de serem selecionados, os músicos deverão passar por períodos de experiência, sendo que o tempo dependerá da orquestra em questão, algo que foi mencionado como uma dificuldade dada a falta de *feedback* durante esse período.

A descrição realizada pelos participantes relativamente à irregularidade dos horários e à presença de mobilidade geográfica constante é consistente com a literatura, sendo que MacGlone e MacDonald (2018) afirmam que as carreiras profissionais dos músicos são caracterizadas por instabilidade financeira, horários laborais irregulares, mobilidade geográfica, assim como falta de aceitação por parte da família, dos amigos e da sociedade

perante a profissão. Os entrevistados referem que o seu tipo de horário é “fora do comum”, sendo que podem trabalhar ou de manhã e/ou à tarde e/ou à noite, dependendo do dia, da semana ou do mês. Afirmam ainda que exercem também a profissão quando a restante população não se encontra a trabalhar, nomeadamente, em feriados, fins-de semana e festividades, o que leva a que percam momentos com a família e amigos. Embora a irregularidade dos horários seja apresentada como um aspeto negativo da profissão, a ausência de rotinas que este horário permite e a flexibilidade do mesmo, é vista como uma vantagem, ajudando a uma melhor gestão familiar, sendo que segundo Davis et al. (2006), estes horários *non standard* podem estar associados a benefícios a nível da supervisão dos filhos(as) e das responsabilidades familiares.

Também foi possível verificar, através do subtema “Atividades extra laborais relacionadas com a profissão” que os músicos inquiridos exercem, segundo a literatura, uma carreira de portfólio (Forbes & Bartlett, 2020; Teague & Smith, 2015). No que diz respeito às horas de estudo, segundo os participantes, as horas despendidas a estudar são essenciais para as suas carreiras, sendo necessário um trabalho contínuo extra laboral com o objetivo de manter o nível e a forma, evitando também possíveis lesões musculoesqueléticas (Ackermann et al., 2012). Segundo Hallam (1995), os músicos despendem uma quantidade considerável de tempo a praticar no seu instrumento, sendo consistente com os resultados uma vez que os participantes referiram que têm pouco tempo disponível dada a necessidade de, fora do horário laboral, praticar regularmente. Esta prática está também relacionada com uma das dificuldades/desafios referidos pelos participantes, isto é, a repetição técnica, pois esta pode consistir em repetir durante elevadas horas uma única nota, um compasso, diminuir a velocidade ou corrigir erros (Hallam, 2001). Relativamente aos *gigs*, Lehdonvirta (2018) refere que o agendamento de trabalho de forma autónoma é um dos principais benefícios dos *gigs*, sendo estes mais compatíveis com compromissos da vida pessoal. Desta forma, segundo Ascenso et al. (2017), músicos que tenham possibilidade de experimentar e exercer diferentes identidades e papéis musicais têm um elevado nível de satisfação e motivação.

Ademais, segundo Philippe et al. (2019), músicos que estão mais orientados para a *performance* a solo enfrentam regularmente solidão e isolamento, algo também relatado pelos entrevistados. Além disso, os participantes relataram a competitividade e a comparação com os pares como uma das principais dificuldades, sendo que a literatura (Araújo et al., 2017;

Lehman, 1995; Parasuraman & Purohit, 2000; Perkins et al., 2017) sustenta que músicos profissionais se encontram regularmente em ambientes stressantes e muito competitivos.

Relativamente a aspetos positivos face às condições de trabalho, para além de serem enunciadas as condições salariais e o facto de se conhecer o mundo e diversas culturas, o ponto de maior concordância entre os participantes revelou-se ser a paixão pela profissão. A literatura refere que para estes profissionais, ser músico faz parte das suas identidades, realçando emoções positivas que surgem associadas a momentos musicais e ao sentimento de realização musical (Ascenso et al., 2017; Portí et al., 2021). Por outro lado, embora seja evidenciado por alguns participantes que os seus companheiros pertencem também ao mundo das artes, algo que facilita a adaptação trabalho-família, através dos resultados, é possível constatar também que existe algum conflito trabalho-família, no que diz respeito a conciliar os dois aspetos. É referido que regularmente têm que colocar de parte a sua vida profissional em prol da vida familiar, no entanto, esta abdicação resulta no surgimento de ansiedade face à necessidade de tempo de preparação para o trabalho e à sensação de que não estão a conseguir cumprir quer com as obrigações familiares quer com as profissionais, sendo este aspeto caracterizado, segundo Greenhaus e Beutell (1985) num conflito trabalho-família baseado no tempo.

No que toca à esfera social, os participantes referiram que, não obstante a dificuldade de adaptação aquando da integração no país estrangeiro, a sua rede de amigos consiste em pessoas que exercem a mesma profissão, sendo que assim existe uma maior facilidade de conciliação de horários, bem como uma maior compreensão sobre aspetos relacionados com a profissão. Segundo Ascenso et al. (2017), existe uma natureza relacional devido ao facto de se fazer música, constatando que emergem emoções positivas e satisfação relativa à partilha e aprendizagem com os colegas de profissão. Por outro lado, os entrevistados relataram que, no que diz respeito a relacionamentos amorosos, há uma maior dificuldade em termos de conciliação de horários quando o parceiro exerce a mesma profissão, devido à irregularidade dos horários de ambos.

No que concerne à esfera familiar, além das questões monetárias e da possível distância laboral serem apontadas como constrangimentos para criação de família, também a realização de *tournées* foi referida como um dos entraves, uma vez que os participantes referiram que passam períodos fora de casa a viajar. Segundo Beauregard et al. (2020), apesar das *tournées* serem uma das fontes de rendimento mais favoráveis dos músicos, estas são

também percecionadas como sendo menos propícias a manter relacionamentos e a conciliar as responsabilidades familiares. Nesta ótica, foi também abordada a mudança de perspetiva de vida, nomeadamente a partir do momento em que existe uma alteração de papéis, passando a exercer o papel de pai/mãe/cônjuge. Esta temática foi também identificada por Gee e Yeow (2021) que referem que, entre os vinte e os trinta anos de idade, os músicos “recalibram” as suas expectativas e prioridades relativamente à sua carreira musical.

Numa perspetiva mais pessoal, os participantes relataram que o mercado na música clássica em Portugal carece de oportunidades e condições trabalho e referem que existe alguma incompreensão relativamente à sua profissão. No entanto, é também assinalado que existem mudanças no panorama comparativamente a antigamente, constatando que o mercado está a melhorar. A carreira dos músicos, segundo Becker (2008) encontra-se na margem da sociedade, sendo que esta tem uma relação conflituosa entre arte e a preferência do profissional e o que o mercado consome. Perante estas observações, poderá ser relevante, em estudos futuros, aprofundar esta temática, comparando as perspetivas de quem prosseguiu a sua carreira no estrangeiro com quem permaneceu no país.

É importante realçar que na interpretação dos resultados da presente investigação é necessário considerar algumas limitações, sendo uma delas a faixa etária da amostra. Ainda que a saturação teórica tenha sido obtida nos entrevistados que se encontram numa fase inicial da carreira, por dificuldade de identificação de participantes, este critério não foi obtido junto dos participantes com família. Não obstante o esforço em obter uma amostra o mais diversificada possível, a amostra recolhida é constituída maioritariamente por uma faixa etária muito jovem que se encontra numa fase inicial da carreira, sendo que, como se trata de um estudo que aborda diferentes esferas da vida, futuramente seria importante recolher uma amostra mais representativa de participantes que já têm família constituída e/ou exerçam o papel de mãe/pai/cônjuge. Para além das sugestões anteriormente apresentadas, estudos futuros poderão também aprofundar e comparar os diferentes fases do ciclo de vida profissional dos músicos. Nesta perspetiva, cremos que seria pertinente realizar um estudo longitudinal, de modo verificar se o que foi relatado no presente estudo se mantém, por exemplo, daqui a 10 anos. Por fim, embora o tipo de situação contratual destes profissionais não fosse um pré-requisito desta investigação, consideramos que, para estudos futuros, poderá ser relevante realizar uma comparação entre trabalhadores *freelancers* e profissionais

com uma situação contratual fixa, nomeadamente observar se existem diferenças significativas relativamente aos impactos da profissão nas diferentes esferas da vida.

### Referências Bibliográficas

- Adler, L. (2021). Choosing bad jobs: The use of nonstandard work as a commitment device. *Work and Occupations, 48*(2), 207–242. <https://doi.org/10.1177/0730888420949596>
- Ackermann, B., Driscoll, T., & Kenny, D. T. (2012). Musculoskeletal pain and injury in professional orchestral musicians in Australia. *Medical Problems of Performing Artists, 27*(4), 181-187. <https://doi.org/10.21091/mppa.2012.4034>
- Araújo, L. S., Wasley, D., Perkins, R., Atkins, L., Redding, E., Ginsborg, J., & Williamon, A. (2017). Fit to perform: An investigation of higher education music students' perceptions, attitudes, and behaviors toward health. *Frontiers in Psychology, 8*, 1–19. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01558>
- Arlinghaus, A., Bohle, P., Iskra-golec, I., Jansen, N., Jay, S., Rotenberg, L., & Oswaldo Cruz, F. (2019). Working time society consensus statements: Evidence-based effects of shift work and non-standard working hours on workers, family and community. *Industrial Health, 57*(2). <https://doi.org/10.2486/indhealth.SW-4>
- Ascenso, S., Williamon, A., & Perkins, R. (2017). Understanding the wellbeing of professional musicians through the lens of Positive Psychology. *Psychology of Music, 45*(1), 65–81. <https://doi.org/10.1177/0305735616646864>
- Beauregard, T. A., Adamson, M., Kunter, A., Miles, L., & Roper, I. (2020). Diversity in the work–life interface: Introduction to the special issue. *Equality, Diversity and Inclusion, 39*(5), 465–478. <https://doi.org/10.1108/EDI-04-2020-0097>
- Becker, H. S. (2008). Outsiders: estudos de sociologia do desvio. *Editores Schwarcz-Companhia das Letras*.
- Bennett, D., & Hennekam, S. (2018). Lifespan perspective theory and (classical) musicians' careers. In C. Dromey & J. Haferkorn (Eds.), *The Classical Music Industry* (pp. 112-125). Routledge. <http://doi.org/10.4324/9781315471099-9>
- Berdahl, T. A., & Moriya, A. S. (2021). Insurance coverage for non-standard workers: experiences of temporary workers, freelancers, and part-time workers in the USA, 2010–2017. *Journal of general internal medicine, 36*(7). <https://doi.org/10.1007/s11606-021-06700-0>



- Blackburn, A. (2018). The gig economy is nothing new for musicians—here’s what their ‘portfolio careers’ can teach us. *The Conversation*.
- Carlson, D. S., & Grzywacz, J. G. (2008). Reflections and Future Directions on Measurement in Work-Family Research. In K. Korabik, D.S. Lero & D.L. Whitehead (Eds.), *Handbook of Work-Family Integration: Research, theory, and best practices* (pp. 57–73). London: Academic Press.
- Costa, D., & Silva, I. S. (2019). Social and family life impact of shift work from the perspective of family members. *RAE Revista de Administracao de Empresas*, 59(2), 108–120. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020190204>
- Craig, L., & Powell, A. (2011). Non-standard work schedules, work-family balance and the gendered division of childcare. *Work, Employment and Society*, 25(2), 274–291. <https://doi.org/10.1177/0950017011398894>
- Davis, K. D., Crouter, A. C., & McHale, S. M. (2006). Implications of shift work for parent-adolescent relationships in dual-earner families. *Family Relations*, 55(4), 450–460. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2006.00414.x>
- Détári, A., Egermann, H., Bjerkeset, O., & Vaag, J. (2020). Psychosocial work environment among musicians and in the general workforce in Norway. *Frontiers in Psychology*, 11, 1–11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01315>
- Edgell, P., Ammons, S. K., & Dahlin, E. C. (2012). Making ends meet: Insufficiency and work-family coordination in the new economy. *Journal of Family Issues*, 33(8), 999–1026. <https://doi.org/10.1177/0192513X11424261>
- Ericsson, K. A., & Harwell, K. W. (2019). Deliberate practice and proposed limits on the effects of practice on the acquisition of expert performance: Why the original definition matters and recommendations for future research. *Frontiers in psychology*, 10. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02396>
- Etikan, I., Alkassim, R., & Abubakar, S. (2016). Comparision of snowball sampling and sequential sampling technique. *Biometrics and Biostatistics International Journal*, 3(1), 55.
- Fisher, G. G., Bulger, C. A., & Smith, C. S. (2009). Beyond work and family: A measure of work/nonwork interference and enhancement. *Journal of Occupational Health Psychology*, 14(4), 441–456. <https://doi.org/10.1037/a0016737>

- Fontanella, B. J. B., Luchesi, B. M., Saidel, M. G. B., Ricas, J., Turato, E. R., & Melo, D. G. (2011). Amostragem em pesquisas qualitativas: Proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. *Cadernos de Saude Publica*, 27(2), 389–394. <https://doi.org/10.1590/s0102-311x2011000200020>
- Forbes, M., & Bartlett, I. (2020). ‘This circle of joy’: Meaningful musicians’ work and the benefits of facilitating singing groups. *Music Education Research*, 22(5), 555–568. <https://doi.org/10.1080/14613808.2020.1841131>
- Frank, A., & Mühlen, C. A. V. (2007). Queixas musculoesqueléticas em músicos: Prevalência e fatores de risco. *Revista Brasileira de Reumatologia*, 47(3), 188-196. <https://doi.org/10.1590/S0482-50042007000300008>
- Frone, M. R. (2003). Work-family balance. In J. C. Quick & L. E. Tetrick (Eds.), *Handbook of Occupational Health Psychology* (pp. 143–162). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10474-007>
- Gee, K., & Yeow, P. (2021). A hard day’s night: Building sustainable careers for musicians. *Cultural Trends*, 30(4), 338–354. <https://doi.org/10.1080/09548963.2021.1941776>
- Geurts, S. A., & Demerouti, E. (2003). Work/non-work interface: A review of theories and findings. In Schabracq, M. J., Winnubst, J. A., & Cooper, C. (Eds.). *The Handbook of Work and Health Psychology*, 2, (pp. 279-312). ISBN: 0471892769
- Gordon, J. R., & Whelan, K. S. (1998). Successful professional women in midlife: How organizations can more effectively understand and respond to the challenges. *Academy of Management Executive*, 12(1), 8–27. <https://doi.org/10.5465/ame.1998.254975>
- Greenhaus, J. H., & Beutell, N. J. (1985). Sources of conflict between work and family roles. *Academy of Management Review*, 10(1), 76-88. <https://doi.org/10.2307/258214>
- Grzywacz, J. G., & Carlson, D. S. (2007). Conceptualizing Work—Family balance: Implications for practice and research. *Advances in Developing Human Resources*, 9(4), 455–471. <https://doi.org/10.1177/1523422307305487>
- Hallam, S. (1995). Professional musicians’ orientations to practice: Implications for teaching. *British Journal of Music Education*, 12(1), 3–19. <https://doi.org/10.1017/S0265051700002357>
- Hallam, S. (2001). The development of expertise in young musicians: Strategy use, knowledge acquisition and individual diversity. *Music Education Research*, 3(1), 7–23. <https://doi.org/10.1080/14613800020029914>

- Hill, E. J. (2005). Work-family facilitation and conflict, working fathers and mothers, work-family stressors and support. *Journal of Family Issues*, 26(6), 793–819. <https://doi.org/10.1177/0192513X05277542>
- Holst, G. J., Paarup, H. M., & Baelum, J. (2012). A cross-sectional study of psychosocial work environment and stress in the Danish symphony orchestras. *International Archives of Occupational and Environmental Health*, 85(6), 639–649. <https://doi.org/10.1007/s00420-011-0710-z>
- Huffman, A., Culbertson, S. S., Henning, J. B., & Goh, A. (2013). Work-family conflict across the lifespan. *Journal of Managerial Psychology*, 28(7), 761–780. <https://doi.org/10.1108/JMP-07-2013-0220>
- Jacukowicz, A., & Wezyk, A. (2017). Development and validation of the Psychosocial Risks Questionnaire for Musicians (PRQM). *Psychology of Music*, 46(2), 252–265. <https://doi.org/10.1177/0305735617706540>
- Jørgensen, H. (2001). Instrumental learning: Is an early start a key to success? *British Journal of Music Education*, 18(3), 227–239. <https://doi.org/10.1017/s0265051701000328>
- Kegelaers, J., Schuijjer, M., & Oudejans, R. R. D. (2021). Resilience and mental health issues in classical musicians: A preliminary study. *Psychology of Music*, 49(5), 1273–1284. <https://doi.org/10.1177/0305735620927789>
- King, N. (2004). Using templates in the thematic analysis of text. In C. Cassell & G. Symon (Eds.), *Essential guide to qualitative methods in organizational research* (pp. 256–270). UK: Sage.
- King, N. (2012). Doing template analysis. In G. Symon, & C. Cassell *Qualitative organizational research* (pp. 426–450). SAGE Publications, Inc. <https://dx.doi.org/10.4135/9781526435620.n24>
- King, N., & Brooks, J. (2017). Template analysis for business and management students. *SAGE Publications Ltd*. <https://dx.doi.org/10.4135/9781473983304>
- Lehdonvirta, V. (2018). Flexibility in the gig economy: Managing time on three online piecework platforms. *New Technology, Work and Employment*, 33(1), 13–29. <https://doi.org/10.1111/ntwe.12102>
- Lehman, E. (1995). Recruitment practices in American and British symphony orchestras: Contrasts and consequences. *Journal of Arts Management Law and Society*, 24(4), 325–343. <https://doi.org/10.1080/10632921.1995.9941778>

## EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL DE MÚSICOS PORTUGUESES NO ESTRANGEIRO

- Lockwood, N. R. (2003). Work/life balance: Challenges and solutions for human resource management. *SHRM Research, Research Quarterly*, 1–10.
- MacGlone, U., & MacDonald, R. (2018). Learning to improvise, improvising to learn: A qualitative study of learning processes in improvising musicians. In E. Clarke & M Doffman (Eds.), *Distributed Creativity: Collaboration and Improvisation in Contemporary Music*. Oxford University Press.
- Manturzewska, M. (1990). A biographical study of the life-span development of professional musicians. *Psychology of music*, 18(2), 112-139.  
<https://doi.org/10.1177/0305735690182002>
- Mills, M., & Täht, K. (2010). Nonstandard work schedules and partnership quality: Quantitative and qualitative findings. *Journal of Marriage and Family*, 72(4), 860–875.  
<https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2010.00735.x>
- Naderifar, M., Goli, H., & Ghaljaie, F. (2017). Snowball sampling: A purposeful method of sampling in qualitative research. *Strides in Development of Medical Education*, 14(3).
- Parasuraman, S., & Purohit, Y. S. (2000). Distress and boredom among orchestra musicians: The two faces of stress. *Journal of Occupational Health Psychology*, 5(1), 74–83.  
<https://doi.org/10.1037/1076-8998.5.1.74>
- Perkins, R., Reid, H., Araújo, L. S., Clark, T., & Williamon, A. (2017). Perceived enablers and barriers to optimal health among music students: A qualitative study in the music conservatoire setting. *Frontiers in Psychology*, 8.  
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00968>
- Philippe, R. A., Kosirnik, C., Vuichoud, N., Williamon, A., & von Roten, F. C. (2019). Understanding wellbeing among college music students and amateur musicians in western Switzerland. *Frontiers in Psychology*, 10.  
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.00820>
- Portí, E., Parrado, E., Cladellas, R., & Chamarro, A. (2021). Health outcomes of occupational stress in passionate musicians. *Ansiedad y Estrés*, 27(1), 47–56.  
<https://doi.org/10.5093/anyes2021a7>
- Power, D. (2011). Priority sector report: Creative and cultural industries. *European Commission, Publications Office of the European Union*. <https://doi.org/10.2769/95687>
- Rozalia, G. M. (2007). Non–probabilistic sampling use in qualitative marketing research. Haphazard Sampling. Volunteer Sampling. *Management and Marketing*, November, 951.

## EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL DE MÚSICOS PORTUGUESES NO ESTRANGEIRO

- Smilde, R. (2008). A profissão musical e o músico profissional: Uma reflexão. *Em Pauta: Revista do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, 19, 110-117.
- Teague, A., & Smith, G. D. (2015). Portfolio careers and work-life balance among musicians: An initial study into implications for higher music education. *British Journal of Music Education*, 32(2), 177–193. <https://doi.org/10.1017/S0265051715000121>
- Teixeira, C., & Queirós, C. (2017). Conflito trabalho-família e engagement no trabalho artístico: Um estudo com Performers. *International Journal on Working Conditions*, 14, 50-69.
- Willis, S., Neil, R., Mellick, M. C., & Wasley, D. (2019). The relationship between occupational demands and well-being of performing artists: A systematic review. *Frontiers in Psychology*, 10. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.00393>
- Wilson, G. (2000). Stage fright: causes and cures. *Must Perform*, 2(4), 123-132.

**Anexos**

**Anexo A – Parecer da Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas**



Universidade do Minho

Conselho de Ética

**Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas**

Identificação do documento: CEICSH 026/2022

Relatores: Emanuel Pedro Viana Barbas Albuquerque e Marlene Alexandra Veloso Matos

Título do projeto: *A experiência profissional de músicos portugueses no estrangeiro e o seu impacto em diferentes esferas da vida*

Equipa de Investigação: Vanda Antunes Tavares (IR), Mestrado Integrado em Psicologia, Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Isabel Maria Soares da Silva (Orientadora), Escola de Psicologia, Universidade do Minho

**PARECER**

A Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) analisou o processo relativo ao projeto de investigação acima identificado, intitulado *A experiência profissional de músicos portugueses no estrangeiro e o seu impacto em diferentes esferas da vida*.

Os documentos apresentados revelam que o projeto obedece aos requisitos exigidos para as boas práticas na investigação com humanos, em conformidade com as normas nacionais e internacionais que regulam a investigação em Ciências Sociais e Humanas.

Face ao exposto, a Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) nada tem a opor à realização do projeto nos termos apresentados no Formulário de Identificação e Caracterização do Projeto, que se anexa, emitindo o seu parecer favorável, que foi aprovado por unanimidade pelos seus membros.

Braga, 20 de abril de 2022.

O Presidente da CEICSH

(Acílio Estanqueiro Rocha)